

# Tradução e amizade<sup>1,2</sup>

Admar Horn<sup>3</sup>

---

Eu gostaria, em primeiro lugar, de agradecer ao Ney Marinho por ter me convidado a falar sobre o psicanalista André Green. Esse agradecimento é extensivo a toda a direção do Instituto da SBPRJ. Aproveito para felicitar nossa colega Marina Tavares, que assumiu o Departamento de Tradução da nossa Sociedade, que é de suma importância.

Essa abertura do ano letivo da nossa Sociedade tem esse título sugestivo de “Tradução e amizade”, cuja reciprocidade me parece bem evidente. Quem já passou por esse difícil ofício de traduzir simultaneamente sabe como é útil o fato de conhecer o colega que está falando na outra língua, para poder traduzi-lo mais adequadamente.

Gostaria de parabenizar, em especial, toda a diretoria da Sociedade através da nossa Presidente, Lucia Palazzo, e manifestar a minha alegria de estar vivendo esses novos tempos da nossa Sociedade. Aproveito para dar as minhas boas-vindas a todos os novos alunos que estão ingressando na nossa Sociedade, ressaltando que estamos vivendo uma época de muita mudança, bastante produtiva para todos.

Quando o Ney me convidou, confesso que hesitei em aceitar, mas ele disse: “é para falar como você viu o André Green durante a sua permanência em Paris”. Então, vou iniciar essa apresentação, hoje, baseado na minha experiência e vivência no meio psicanalítico francês com o André Green, lembrando alguns

---

1. Palestra proferida na Aula de Abertura do Ano Letivo de 2022 do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ, que marcou a inauguração oficial do Setor de Tradução do Instituto, coordenado por Marina Tavares, Membro Associado da SBPRJ.

2. Transcrição da gravação feita por João Pedro Saramago.

3. Membro aderente da SPP (Sociedade Psicanalítica de Paris). Membro Titular do IPSO-PARIS. Vice-Presidente da AIPPM (Associação Internacional de Psicossomática Pierre Marty. Membro Efetivo da SBPRJ.

elementos da sua vida privada, que ele mesmo tornou públicos, e que considerava engajados na sobredeterminação dos seus trabalhos.

André Green nasceu no Cairo, em 12 de março de 1927, numa família judaica sefardita. Ele era o filho mais novo de quatro irmãos. Facilmente, ele fazia uma ligação do seu destino em geral e de certas elaborações dessa situação de filho mais novo, de pais idosos. Importante salientar que sua irmã mais velha mobilizou intensamente sua mãe em razão de problemas de saúde que a obrigaram – tanto a ela quanto a sua família – a fazerem várias idas e vindas à França a partir do Egito. Foi durante uma dessas viagens que a mãe de André Green descobriu que estava grávida dele. Esses vínculos entre a França, a doença, a medicina e o seu nascimento marcaram *a posteriori* e de modo significativo o seu destino. Essa determinação se acentuou de modo mais preciso quando sua mãe, que já estava monopolizada pela doença da filha mais velha, se duplicou numa mãe enlutada quando ele tinha apenas dois anos de idade. Foi um momento trágico, em que sua mãe perdeu uma irmã queimada viva. Green considerava essas situações como sendo a fonte de sua elaboração do conceito da “mãe morta”, extinguindo as cenas primitivas transmitidas por uma mãe mentalmente ausente e por uma outra, traumatizada. Alguns anos mais tarde, quando ele era ainda bastante jovem, seu pai faliu – talvez em razão desse contexto, mas também ligado a particularidades da personalidade do pai, esse novo acontecimento traumático se impôs. Aos 14 anos de idade, ele perdeu seu pai. Aos 19 anos, ele migrou para a França, a fim de fazer seus estudos de medicina. Ele tinha, nesse momento, um grande interesse pela filosofia, o que permitiu que ele descobrisse a psicanálise e a obra do Freud. Mais tarde, aos 22 anos de idade, perdeu sua mãe sem tê-la revisto.

André Green realizou uma obra considerável. Seu combate, seu engajamento como psicanalista e como homem fez com que ele se opusesse contra tudo que se opunha à vida psíquica. Ele se tornou membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) em 1965, apesar de ter se interessado pela psicanálise desde que se formou em psiquiatria em 1953, em Paris, aos 26 anos de idade. Ele qualificava esse ano de 1953 como sendo o ano do seu nascimento. Nesta mesma época, houve uma revolução na psiquiatria, com a introdução da clorpromazina, indicada para o controle de psicoses e tratamento de quadros psiquiátricos agudos. Ocorreu, nessa mesma época, uma cisão na SPP, a partir da qual houve o desdobramento de uma produção de trabalhos analíticos com a liderança de Jacques Lacan. André Green fez parte dessa efervescência teórico-clínica e do súbito crescimento da psicanálise em todo o Ocidente. Devo

dizer que era sempre um prazer, uma experiência estética, escutar suas conferências e suas supervisões. Nesses últimos anos, Green se tornou um dos autores franceses mais influentes da América Latina, e seus textos são, atualmente, presentes nos programas de numerosos institutos de formação psicanalítica e nos tratamentos psicanalíticos em várias regiões do mundo. Ele era um autor que possuía uma imensa cultura e teve sua obra traduzida em mais de dez idiomas. Escreveu um grande número de livros sobre psicanálise aplicada, com seus estudos sobre a tragédia grega, sobre artistas, tais como Leonardo da Vinci, Shakespeare, Joseph Conrad, Borges, Henry James etc.

André Green tinha um tipo de comportamento que exigia muito de si mesmo, e esperava o mesmo dos seus colegas, o que algumas vezes era sentido como excessivo. Ele justificava esse comportamento, contudo, dizendo que era devido à sua grande paixão pela psicanálise. Seu profundo contato com o inconsciente fazia com que ele se expusesse dessa maneira, assim como expressava suas ideias com toda a sua força. Seus trabalhos clínicos e teóricos são referências essenciais, especialmente os grandes avanços, propostos por ele, na compreensão e abordagem dos “estados-limite”.

Devemos a ele numerosas noções que se tornaram, com o tempo, familiares a todos nós, tais como, já citado anteriormente, o complexo da mãe morta, a memória amnésica, a desobjetalização, os processos terciários, a terceiridade, os narcisismos positivo e negativo, de vida e de morte, o tempo fragmentado, a posição fóbica central, a analidade primária, importantes trabalhos sobre o afeto, a representação, a linguagem, a heterogeneidade de significante e a pluralidade do tempo, a causalidade, as forças destrutivas, o mal, o papel do objeto e da pulsão, a sexualidade etc. Devemos também a ele uma abordagem original da função materna e da estrutura enquadrante, matriz do pensamento e do discurso vivo vinculado à alucinação negativa da mãe – sem negligenciar sua abordagem psicanalítica inovadora e outras obras culturais, já citadas. Nesse vasto campo de trabalho, podemos reter quatro grandes eixos do pensamento de Green: o negativo, os narcisismos, a linguagem e a destrutividade. O fio condutor desses quatro temas é certamente a negatividade, no seu duplo sentido, tal qual ela foi introduzida no pensamento humano por Hegel.

Ele consagrou as suas últimas férias de verão à leitura de Nietzsche, retornando a Paris com a ideia de introduzir um seminário chamado “A noção do negativo no negativo”. Infelizmente, teve um problema vascular cerebral e não houve possibilidade de realizar esse seu desejo, algo esperado com muita ansiedade pelos colegas da SPP.

André Green teve uma relação pessoal com Winnicott desde 1957 e depois com Bion a partir de 1976. Durante os anos 1960, ele se apaixonou pelo trabalho do Lacan e foi uma presença assídua nos seus seminários. Em seguida, rompeu com Lacan em 1967, mas manteve seu investimento no papel da linguagem.

André Green tinha personalidade muito forte, era considerado um homem bravo, apesar de ter tido muitas relações na França e no mundo todo, mais especificamente relações pessoais do que institucionais. Entre outros, o encontro com Otto Kernberg, membro titular, formador da Associação Americana de Psicanálise e do Centro de Formação e de Pesquisa da Universidade de Columbia, além de ex-presidente da IPA. Foi mundialmente conhecido como grande estudioso dos “casos-limite”. Ambos criaram um grupo de trabalho internacional.

Outro encontro fundamental foi com o filósofo Roger Pol-Droit, com quem teve um relacionamento de amizade. Roger comentava sobre o papel decisivo da participação de Green no grupo de Teatro Antigo da Sorbonne para a sua descoberta das tragédias gregas no seu itinerário pessoal. Quando Roger mencionava isso, podia se sentir a importância desse momento, de tal modo que era lá, representando, falando de Sófocles e alguns outros, que o trágico, o discurso vivo e a razão estavam, em parte, ligados ao surgimento do mundo grego antigo e à relação reconfigurada pela modernidade, que nunca mais o deixou. Tenho uma forte lembrança de, num encontro informal, ter escutado Green dizer que, para ser psicanalista, deveríamos ler os gregos e frequentar durante um longo tempo os hospitais psiquiátricos. A música também ocupava um lugar de suma importância para o grande melômano que ele era.

Por ocasião da minha formação psicanalítica na SPP, estive durante algum tempo em supervisão com Green, que muito me acrescentou, especialmente dois pontos teóricos: a incompletude do pensamento analítico e de que o discurso psicanalítico desenluta a linguagem. Nos últimos anos de sua vida, Green se aproximou das concepções teóricas do Instituto de Psicossomática de Paris - Pierre Marty, onde trabalhou juntamente com Claude Smadja, Marília Aisenstein e outros colegas psicanalistas.

Entre as numerosas expressões de respeito à sua obra, recebeu em 2007, no congresso da IPA em Berlim, o mais importante prêmio dessa Instituição: o Prêmio de Realização Científica Excepcional. A lembrança de suas palavras de esperança em relação ao futuro da psicanálise, assim como a ovação que ele recebeu – foi aplaudido durante dez minutos, em pé, por todos os presentes na sede do congresso – nos fazem, hoje, ressentir esse contraste com o luto da comunidade psicanalítica após sua morte.

Nesses momentos em que o silêncio se impõe, é o mesmo André Green, homem da linguagem, psicanalista da palavra, que nos lembra de que, quando o afeto se apresenta na profundidade da sua dor, as palavras acabam nos soltando.

Para finalizar, gostaria de ler um trecho de um livro do escritor uruguaio chamado Mario Benedetti, que se chama “*A trégua*”: “Mas, afinal, o que é isso entre a gente? Ao menos, por enquanto, é uma espécie de cumplicidade diante dos outros, um segredo compartilhado, um pacto entre nós. Evidentemente, isso não é uma aventura nem um programa. Bem, muito menos um namoro. No entanto, é mais que uma simples amizade”.

É muito bom falar entre amigos.

---

**Admar Horn**

admar@admarhorn.com.br